



LITERATURA E FILOSOFIA: REVELAÇÕES DE UM VELHO AMOR CONTEMPORÂNEO

Lucas Toniatto¹

¹ Graduando do 3º ano de História da Universidade do Sagrado Coração. Artigo realizado sob orientação dos professores: Dra. Lourdes Madalena Gazarine Conde Feitosa e M.e Roger Marcelo Martins Gomes.

RESUMO

O sentimento “amor” comum à atividade humana despertou, ao longo do tempo, muitas concepções acerca de si. Além dos filósofos, muitos estudiosos, artistas e atuantes em diversas áreas arriscaram-se em registrar as definições desse sentimento. Em vista desse pensamento, é proposto a análise dos três últimos discursos contidos na obra literária e filosófica *O Banquete*, de Platão, redigido pelo filósofo aproximadamente em 380 a.C. Conforme a interpretação desses três últimos discursos é estabelecida uma comparação com obras da literatura brasileira das décadas de 1930 a 80, visando buscar influências no pensar sobre o amor presentes no documento. O presente artigo, através dos textos literários, estabelece um campo de investigação histórica, possibilitando, desse modo, uma melhor compreensão das representações construídas sobre o amor em determinado espaço e tempo. Ainda que o documento analisado tenha sido redigido originalmente na Antiguidade, defende-se a hipótese de que suas influências são perceptíveis na literatura brasileira contemporânea e a própria versão para o português e em outras línguas modernas evidencia a sua importância.

Palavras-chave: Amor. Literatura. Filosofia.

INTRODUÇÃO

O amor é um dos temas mais intrigantes por pressupor um sentir ou sentimento, uma relação concordante de ambos ou não, pois quem ama, certamente ama alguma coisa. Pensando nisso, além de que o que é entendido por amor é significado atribuído pelo humano, objetivo meu trabalho em analisar três discursos de uma das obras de Platão que trazem maneiras distintas de pensar ou significar o amor. Antes de adentrarmos as definições do sentimento, é necessário viabilizar essas obras literárias referenciais desse estudo, assim como *O Banquete* literário é filosófico, como uma fonte de pesquisa.

Historiadores propuseram-se a refletir acerca dos documentos como fonte para o estudo histórico, assim sendo, é utilizada a reflexão de Jacques Le Goff em que este demonstra que:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 1990, p. 545).

Ainda no âmbito de propor a importância do documento e de sua utilização como fonte, o autor aponta que:

O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. (LE GOFF, 1990, p. 548).

A doutoranda Gabriela Grecco, do Departamento de História Contemporânea da Universidade Autónoma de Madrid, diz que a utilização de documentos literários é um campo privilegiado, pois “É importante destacar a literatura como testemunho ou documento histórico, no sentido de valorizar a riqueza do texto ficcional como fonte que, de forma indireta, fala do mundo, através de uma linguagem metafórica e alegórica.” (GRECCO, 2015, p. 122-123).

A questão pertinente é se determinadas “visões e falas do mundo” acerca do amor visto na obra grega e antiga *O Banquete* são encontradas também entre a literatura brasileira das décadas de 1930 a 80. Os discursos abordados serão os três últimos acerca de Eros², respectivamente o de Aristófanes, Agatão e Sócrates. Esse estudo não tem por objetivo analisar as relações amorosas em suas concretudes ou em atos propriamente ditos, mas sim proporcionar uma perspectiva sobre os ideais do amor, ou seja, as concepções de um amor ideal encontradas no documento antigo contraposto as concepções encontradas em obras contemporâneas.

Esses discursos foram escolhidos por apresentarem maior relevância à questão proposta, além de serem considerados entre muitos filósofos, as principais definições sobre o amor contidas na obra. Uma espécie de “filé mignon” do Banquete. Tudo pareceria menos complexo se no ponto de vista histórico a veracidade dos fatos narrados no *Banquete* de Platão não fosse duvidosa, pois Platão não estava no Banquete, mas reproduzira um diálogo de Sócrates com outros. Isso cria a necessidade de observar que os discursos do diálogo se referem a discursos que por sua vez mediam outros discursos, desse modo o tema do amor encontra-se na intermediação desses discursos presentes na obra.

² Deus do amor na Mitologia Grega.

Por outro lado, é também importante verificar que, do ponto de vista literário – mas com decisivas implicações filosóficas -, o texto do Banquete abriga grande variedade de recursos: diálogos, discursos, mitos, citações de poetas, provérbios, múltiplos estilos (as imitações ou pastiches dos diferentes estilos dos discursantes, a revelar diferentes psicologias ou mentalidades: uma das mais extraordinárias realizações do Platão filósofo-dramaturgo). (PESSANHA, 1987, p. 90).

A obra também simboliza um enfrentamento do maior representante da poesia, Agatão, dono do Banquete em comemoração a seu mais novo título literário e Sócrates, representante da filosofia.

Em um momento do Banquete é proposto o tema Eros por Fédro e iniciam-se os discursos. Atento-me aos três últimos, iniciando pelo primeiro poeta a falar, Aristófanes, que baseia seu discurso em cima do mito do Andrógino.

Mas, primeiro, vós deveis conhecer a natureza humana e suas paixões. Pois a nossa antiga natureza não era a mesma de agora, mas diferente. Primeiro havia três sexos humanos, não dois, o masculino e o feminino, mas também havia um terceiro, que tinha participação em ambos, do qual agora resta um nome, mas esse desapareceu: o andrógino, o único, quanto a forma e ao nome, que tinha participação em ambos os sexos, masculino e feminino, e agora não resta nada além de um nome posto em censura. (O BANQUETE, 2015, p. 36).

Segundo Aristófanes, os humanos eram fisicamente o dobro, com quatro braços, quatro pernas, dois rostos, ou seja, viviam em unidade com seu duplo. Por orgulho os humanos teriam atacado os deuses, gerando a repreensão de Zeus, o pai dos deuses na mitologia grega.

Após refletir profundamente, Zeus disse: “Parece-me que tenho um artifício para que os homens continuem existindo, mas sem seu desregramento, enfraquecidos. Pois agora eu os cortarei em duas partes, e não somente serão mais fracos como também nos serão mais úteis, já que estarão em maior número; e andarão eretos sobre duas pernas”. (O BANQUETE, 2015, p. 37).

É observável no discurso que a ruptura, a amputação promovida por Zeus, tem como objetivo enfraquecer os humanos. Perdeu-se certa autonomia em prol da dependência, os humanos tornaram-se nesse ponto, desejan-tes.

Portanto, os homens são metade do que antes se chamava andrógino, são afeiçoados às mulheres, e daí se origina a maioria dos adultérios, e o mesmo se dá com as mulheres, que da mesma maneira, são afeiçoadas aos homens e também adúlteras. As mulheres que são corte de uma mulher, essas não prestam muita atenção nos homens, e voltam-se mais para outras mulheres, e assim se originam as chamadas

companheiras. E os que são corte do sexo masculino perseguem os homens jovens, porque são parte dos homens gostam deles e se alegram quando se deitam com eles e os abraçam, e esses são os melhores jovens, porque são os de natureza mais corajosa. (O BANQUETE, 2015, p. 38-39).

Nesse pensamento, Aristófanes deixa-nos a ideia de que há no mundo alguém especial para nós, e o amor só ocorrerá quando nos reestabelecermos afetivamente com esse alguém na tentativa de sermos unos novamente. “A causa disso é que a nossa antiga natureza era a mesma e nós éramos inteiros; então, para o desejo e a procura dessa integridade, há o nome amor.” (O BANQUETE, 2015, p. 40).

Além disso, Aristófanes, por meio do mito, discursa que as mulheres e homens que seriam cortes de seus respectivos sexos, ou seja, os que possuíam anteriormente ao corte dois órgãos sexuais iguais teriam um pelo outro, após a separação, o desejo de completude. Isso mostra que o desejo, a busca pelo amor, pertence tanto ao andrógino quanto aos seres masculinos e femininos, o que difere nos casos é o desejado, pois ambos buscam completarem-se.

É cabível refletir que através desse mito presente na obra, podemos alcançar mais um pouquinho da mentalidade dos gregos antigos da era intitulada historicamente como Clássica e pela Filosofia como Socrática. Distante de uma mentalidade pecaminosa cristã, o amor e relação com o mesmo sexo aparenta não afetar as visões culturais e morais da antiga aristocracia grega, embora houvesse restrições quanto ao excesso sexual e ao parceiro denominado como passivo, visto como escravo dos prazeres e não como um indivíduo senhor de si. Não me aprofundarei nessa questão, para que possamos nos atentar propriamente a ideia de amor proposta por Aristófanes.

Segundo a graduada em letras Tamires Alcântara, a obra *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa, escrita em 1956, contém na relação de seus personagens Riobaldo e Diadorim aspectos da androginia encontrados na ideia de Aristófanes.

Ao longo da narrativa, percebemos a vontade do personagem de sempre estar em algum lugar diferente daquele em que se encontra. Depois de viver na casa de seu padrinho Solerico Mendes, Riobaldo vai embora e conhece Zé Bebelo, que acaba abandonando depois de certo tempo. É durante essa fuga que Riobaldo reencontra o Menino/Diadorim e passa a fazer parte do bando de Joca Ramiro. Ainda assim, permanece nele uma inquietude que o faz querer ir embora, vez ou outra. Mas algo mudou: ele vai apenas se Diadorim o acompanhar. Se Diadorim fica, Riobaldo desiste e permanece: “A já, que ia m’embora, fugia. Onde é que estava Diadorim? Nem eu não imaginava que pudesse largar Diadorim ali. Ele era meu companheiro, comigo tinha de ir” (*Grande Sertão Veredas*, p. 181). Em outro momento, é Diadorim quem fala: “Mas, se você algum dia deixar de vir junto, como juro o seguinte: hei de ter

uma tristeza mortal [...]”. (GRANDE SERTÃO VEREDAS, p. 40 apud ALCÂNTARA, 2012, p. 26-27).

É notável a ideia de que uma separação na relação dos respectivos personagens seria algo inviável e indesejável. Nesse excerto podemos ver o narrador-personagem da obra de Guimarães, Riobaldo, diferenciando seu amor por Otacília e por Diadorim cuja relação andrógina é vista como presente.

Diadorim pertencia à sina diferente. Eu vim, eu tinha escolhido para o meu amor o amor de Otacília. Otacília – quando eu pensava nela, era mesmo como estivesse escrevendo uma carta. Diadorim, esse, o senhor sabe como um rio é bravo? É, toda a vida, de longe a longe, rolando essas braças águas, de outra parte, de outra parte, de fugida, no sertão. E uma vez ele mesmo tinha falado: – “Nós dois, Riobaldo, a gente, você e eu... Por que é que separação é dever tão forte? [...]”. Aquilo de chumbo era. (GRANDE SERTÃO VEREDAS, 1994, p. 610).

O amor de Riobaldo por Otacília, como ele mesmo revela, é um amor escolhido, já o por Diadorim traz a ideia de inevitável e de predestinação. A própria frase de Diadorim narrada por Riobaldo implicando uma separação, apresenta uma possível referencia a um momento em que ainda não haviam se encontrado. Um momento em que procuravam suas almas separadas, pois não há indícios de qualquer separação ocorrente entre os dois personagens durante a obra.

A ligação com o mito do andrógino de Aristófanes é evidenciada também na frase, “Diadorim e eu, a sombra da gente uma só uma formava.” (GRANDE SERTÃO VEREDAS, 1994, p. 345).

Somente por meio da coincidência dos contrários é possível o regresso à totalidade inicial, o retorno final de suas almas à Unidade da qual foram desapossadas. Essa passagem exprime com nitidez a natureza andrógina do relacionamento de Riobaldo e Diadorim, que reunidos formam uma única sombra. (ALCÂNTARA, 2012, p. 30).

Segundo Alcântara (2012), aproximando-nos ao final da obra de Guimarães, vemos que Diadorim é na realidade uma mulher, isso traz ambiguidade à questão de seu relacionamento com Riobaldo.

A título de elucidação, se Riobaldo apresenta desejos por alguém que ele acredita ser um homem, então seu sentimento representa a vazão do desejo homoerótico de um homem por outro homem. No entanto, se esse alguém constitui um ser Feminino, nos deparamos com um terreno ambíguo, pois Riobaldo sente desejos, não por um

homem, mas por um ser Feminino travestido de jagunço. (ALCÂNTARA, 2012, p. 31).

É considerável nessa análise que a significação atribuída à relação de Riobaldo e Diadorim e ao sentir que envolve os dois personagens da obra que Guimarães escrevera e publicara em 1956, é característico do mito do Andrógino, presente no discurso de Aristófanes em *O Banquete* de Platão.

A maior herança de Aristófanes é a ideia de uma alma gêmea, ideia essa representada ainda que sutilmente na relação dos personagens da obra em questão de Guimarães Rosa. Essa representação de Guimarães nos oferece uma ideia um tanto já popularizada, o desejo pela alma gêmea, o pensamento de que há alguém exclusivo que nos complete. Isso indica que o discurso de Aristófanes e o que retiramos do mito que este propõe, se faz presente naquilo que podemos resgatar na relação de personagens de uma obra literária brasileira de Guimarães Rosa na década de 50.

O poeta Carlos Drummond de Andrade também apresenta uma alusão ao discurso de Aristófanes em sua obra *amor* publicada em 1985, como pode ser evidenciado nesse excerto “O ser busca o outro ser, e ao conhecê-lo acha a razão de ser, já dividido. São dois em um: sublime selo que à vida imprime cor, graça e sentido.” (AMAR SE APRENDE AMANDO, 1985). Desejar a completude e ser dois em um é reflexo do ideal de Aristófanes.

Seguindo a ordem dos discursos da obra *O Banquete*, a palavra é concedida ao segundo poeta e anfitrião Agatão. Desse modo, Agatão inicia seu discurso sobre Eros:

Eu digo que de todos os deuses que são felizes, se é permitido e lícito dizer, Eros é o mais feliz, por ser o mais belo e o melhor. É o mais belo por ser da seguinte natureza: em primeiro lugar, ele é o mais jovem dos deuses, Fedro. Uma grande prova ele mesmo oferece ao meu discurso, quando foge da velhice, que evidentemente é rápida, e avança sobre nós mais rapidamente do que deveria. De fato, Eros a odeia por natureza e nem se aproxima dela. Convive e esta sempre em companhia dos jovens; pois está certo o antigo provérbio segundo o qual o semelhante sempre se aproxima do seu semelhante. (O BANQUETE, 2015, p. 42-43).

O poeta Agatão atribui uma causa à felicidade do amor. Sendo essa a beleza conquistada por ser o amor um deus jovem, fugitivo da velhice. Ao final desse excerto, o poeta nos deixa sua ideia central sobre o amor, a de que o semelhante sempre se aproxima do seu semelhante. Continuando seu discurso o poeta nos esclarece essa questão.

A beleza da sua tez e o seu hábito de viver entre as flores são índices do deus; pois no que está sem flores e sem viço no corpo, na alma e em outra parte qualquer, Eros não se assenta, mas onde houver um lugar bem florido e perfumado, aí se senta e permanece. (O BANQUETE, 2015, p. 44).

A ideia deixada por Agatão é que o amor ocorre exclusivamente por semelhança, onde o belo, e aqui é importante deixar claro que somente o belo, pode amar a beleza. O amante reconhece em si atributos que espera encontrar no amado e quando encontra, ama. Além da beleza e juventude, Agatão acrescenta a justiça como característica do deus.

Sobre a beleza do deus, já disse o suficiente, embora ainda falem outras coisas, sobre a virtude de Eros, em seguida, devo falar, e o mais importante é que Eros não comete injustiça nem contra um deus nem contra um homem, e que também não sofre injustiça nem de um deus nem de um homem. Pois ele mesmo não sofre nenhuma ação, se é que sofre algo - pois a violência não toca Eros -, tampouco ele mesmo age, pois qualquer um de bom grado serve Eros em tudo, e o que de bom grado concorda com o que está de bom grado, dizem “as leis, rainhas da cidade”, este é um justo. (O BANQUETE, 2015, p. 44).

A ideia do amor por semelhança percorre todo discurso de Agatão, pois assim como só o belo pode amar o belo, somente o justo pode amar a justiça. Esse pensamento proposto pelo poeta recai sobre o amor narcísico, um amor estabelecido e manifestado somente em função do que se assemelha no amado. Segundo a mitologia, Narciso teria se apaixonado por si mesmo ao se deparar com seu reflexo.

É com base nesse amor narcísico que o poeta maranhense José Ribamar Ferreira, que viera a ser conhecido por Ferreira Gullar, escreveu em 1987 a obra *Narciso e Narciso*.

Se Narciso se encontra com Narciso
e um deles finge
que ao outro admira
(para sentir-se admirado),
o outro
pela mesma razão finge também
e ambos acreditam na mentira.
Para Narciso
o olhar do outro, a voz
do outro, o corpo
é sempre o espelho
em que ele a própria imagem mira.
E se o outro é
como ele
outro Narciso,
é espelho contra espelho:
o olhar que mira
reflete o que o admira

num jogo multiplicado em que a mentira
de Narciso a Narciso
inventa o paraíso.
E se amam mentindo
no fingimento que é necessidade
e assim
mais verdadeiro que a verdade.

Mas exige, o amor fingido,
ser sincero
o amor que como ele
é fingimento.
E fingem mais
os dois
com o mesmo esmero
com mais e mais cuidado
– e a mentira se torna desespero.
Assim amam-se agora
se odiando.
O espelho
embaciado,
já Narciso em Narciso não se mira:
se torturam
se ferem
não se largam
que o inferno de Narciso
é ver que o admiravam de mentira. (BARULHOS, 1987).

O poeta brasileiro se refere ao amor por semelhança, pois tudo que é do outro sempre representa para narciso o próprio espelho em que este mesmo mira e se enxerga. O autor descreve uma relação entre dois narcisos, comentada de modo sucinto pelo graduado em letras da UEM de Maringá Donizeti Aparecido Donha:

A imagem do encontro de dois Narcisos constitui-se na recriação da contemplação do reflexo nas águas claras: a admiração (fingida) pela imagem de seu duplo, a necessidade de ser admirado para existir, a crença na mentira (a imagem falsa que um transmitiu ao outro) (DONHA, 2007, p. 7).

É observável que essa necessidade de admiração compartilhada entre os narcisos da relação, só pode ser suprida através do fingimento, pois o amante finge amar inteiramente o amado, mas ama somente a imagem semelhante a si, que por sua vez é transmitida pelo amado.

Outro ponto relacionado ao discurso de Agatão é que esse fingimento descrito por Gullar e comentado pelo professor Donha, é fruto da imagem transmitida, onde o amante acredita na imagem e, que ainda de modo ilusório, sente-se belo e amado. Como já interpreta-

do no pensamento de Agatão, somente o belo é capaz de amar o belo, tal motivo levanta questões relevantes sobre o que Gullar diz sobre os narcisos se torturarem, mas não se largarem. Porque não se largam? Porque o fingimento? São as perguntas que o ideal de Agatão nos responde, já que a separação e descoberta do fingimento seriam o reconhecimento de que ele mesmo não é belo, portanto o inferno para narciso.

A concepção de amor de Agatão pode também ser evidenciada na obra de Ricardo Reis, um dos heterônimos de Fernando Pessoa. Ainda que saibamos que esse autor não fora brasileiro, suas obras possuem grande influência e grande nome na literatura brasileira, sendo o próprio Ricardo Reis um auto expatriado de Portugal, tendo vindo viver no Brasil em 1919. O autor escreve em 1932 a obra *Ninguém a outro ama, senão que ama* publicada nos *Odes*³ de Ricardo Reis em 1946.

Ninguém a outro ama, senão que ama
O que de si há nele, ou é suposto.
Nada te pese que não te amem. Sentem-te
Quem és, e és estrangeiro.
Cura de ser quem és, amam-te ou nunca.
Firme contigo, sofrerás avaro
De penas. (ODES DE RICARDO REIS, 1946)

O motivo de destaque da obra nesse estudo é esclarecido logo nas duas primeiras linhas de sua composição, Ricardo Reis traz a concepção de Agatão ao afirmar que só se ama no ser amado o que há de si ou o que se supõe haver. O autor insiste em que nada importa que não te amem, pois isso ocorre porque o amante sente que o amado é estrangeiro, ou seja, sente que o amado é outro, diferente demais, um ser não semelhante e, portanto há incapacidade, dentro dessa perspectiva, de haver amor.

O discurso de Agatão, promovendo sua concepção de amor por semelhança é ponto de partida para evidenciar sua influência nas obras literárias apresentadas. Defende-se a ideia de que há nas obras de Gullar de 1987 e na de Ricardo Reis publicada quarenta anos antes da de Gullar, semelhanças no modo de pensar e representar o sentimento, vindas do discurso agatônico.

A poética de Aristófanes e Agatão, presente em seus discursos e carregadas de suas concepções acerca do amor, ainda que construídas por Platão, cedem espaço para concepção

³ Composição poética do gênero lírico dividida em estrofes simétricas.

filosófica de Sócrates, o próximo a discursar na obra construída por Platão, o qual é o último discurso a ser evidenciado nesse estudo.

Entramos agora no âmago da complexidade desse estudo, pois até o momento a investigação se deu entre as concepções de poetas, no entanto é proposto como último, um discurso filosófico de Sócrates. O filósofo utiliza de seu método questionador para responder, realizando algumas perguntas ao poeta Agatão que falara anteriormente.

Tenta – Sócrates disse -, falar-me sobre o amor. Eros é o amor de nada ou de algo? – De algo. – Então – disse Sócrates – guarda isso contigo e, lembrando-te de que coisa é o amor, diz-me somente isto: Eros deseja o que é amor ou não? – Sim – Agatão respondeu. – Quando tem o que deseja e ama, então o deseja e ama, ou quando não o tem? - Quando não o tem, como é provável – ele respondeu. – Examina – disse Sócrates – se, em vez de provável, não é necessário que seja assim: o que deseja uma coisa a deseja por estar desprovido dela, ou não a deseja se já a possui. Parece-me, Agatão, que é necessariamente assim; como te parece? – Também me parece que seja assim – respondeu. (O BANQUETE, 2015, p. 49).

O ideal de Sócrates para o amor na medida em que pode ser interpretado segundo seu método é bastante esclarecedor: amar é simplesmente desejar. Desejar por sua vez pressupõe falta, pois só podemos desejar aquilo que ainda não possuímos e se possuímos já não desejamos mais. É interessante que o ideal de Sócrates a respeito do amor é segundo o próprio (intermediado por Platão) ensinamento de uma mulher, a sacerdotisa Diotima de Mantinea. Tendo em vista que o conceito platônico de amor provém da ideia de Sócrates, a sacerdotisa pode estar na origem do que conhecemos por amor platônico.

Como já dito anteriormente, a obra *O Banquete* simboliza um enfrentamento entre a poesia e a filosofia, fator esse que dificulta a abordagem de uma literatura poética contemporânea compatível com a ideia filosófica de Sócrates, e isso se deve ao próprio distanciamento dos campos. É pouco comum encontrarmos poetas que sintetizem de um modo aceitável entre os filósofos os pensamentos filosóficos, em outras palavras, não é comum encontrarmos poetas que conciliem obras poéticas com a filosofia.

Entretanto, o poeta Vinicius de Moraes apresenta em sua obra *Ausência* durante a primeira fase de sua poesia conhecida pela crítica como a fase cristã, uma ideia de amor que pode ser referida a concepção de amor proposta por Sócrates. “E eu sinto que em meu gesto existe o teu gesto e em minha voz a tua voz. Não te quero ter porque em meu ser tudo estaria terminado” (FORMA E EXEGESE, 1935). Independente da ambiguidade existente entre o poeta se referir a uma mulher ou a cristo, é possível percebermos que se o eu-lírico tiver aqui-

lo que ama, ou seja, se obter aquilo que deseja ter, em seu ser não haverá mais nada, pois a completude tomaria o lugar da falta que antes vigorava.

Outra obra de Vinicius publicada quase trinta anos mais tarde em sua mescla de poesia e prosa *Para viver um grande amor*, intitulada *Dialética*, apresenta também a possibilidade de analisarmos com base no amor-desejo.

É claro que a vida é boa
E a alegria, a única indizível emoção
É claro que te acho linda
Em ti bendigo o amor das coisas simples
É claro que te amo
E tenho tudo para ser feliz
Mas acontece que eu sou triste [...] (PARA VIVER UM GRANDE AMOR, 1962).

Essa obra carrega uma ideia de que o eu-lírico ama alguém, porém esse amor sentido não é suficiente para fazer dele alguém feliz. É pouco provável que Vinicius, ao escrever a obra, tenha levado em conta o amor-desejo, porém ao analisarmos diante dessa estrutura, vemos que são duas as possibilidades da tristeza do eu-lírico, ou ele é triste por desejar e obviamente não ter a amada ou ele é triste por tê-la, mas não mais desejá-la. Diante disso, é evidente que a dialética se dá não só na contradição entre felicidade e tristeza, como também no que poderia ser causa de sua tristeza.

Em outra obra de Drummond publicada em 1968, vemos uma ideia do amor-desejo.

Entre areia, sol e grama
o que se esquia se dá,
enquanto a falta que ama
procura alguém que não há. (A FALTA QUE AMA, 1968, p. 19).

Há uma ideia de um desejo ou uma falta que busca alguém que não há, pois se esse desejo for saciado ou a falta ser preenchida em encontro com o desejado, ele não será mais desejo e como amar é desejar, não será mais amor. O próprio autor de *O Banquete*, Platão, possui uma ideia de amor compatível com a descrita por ele e consagrada a seu mestre Sócrates. Porém, o amor para Platão corresponde a sua filosofia dualística, sendo assim, o amor assume um papel de conduzir à verdade, encontrada somente no mundo inteligível ou ideal de Platão. Nessa perspectiva, “procura alguém que não há” ganha um sentido de procurar o que realmente não existe materialmente, visto que o amor é o desejo a uma idealização ou ideia

que se tem do desejado. Ambas as visões trazem a necessidade de uma procura, uma busca, um desejo, para que assim haja o amor. Ao final da obra isso aparece mais claramente.

No solo vira semente?
Vai tudo recomeçar?
É falta ou ele que sente
o sonho do verbo amar? (A FALTA QUE AMA, 1968, p.20).

A semente é o figurativo de uma possibilidade de vingar, a possibilidade de estar amando, desse modo o eu-lírico questiona o novo desejo. Por fim, há uma descoberta interessante, o eu-lírico fala da falta, fala do sentir, mas aponta uma terceira pessoa que sentiria tudo isso, um sujeito, ainda que presente, indeterminado. É esse que sente aquilo que é expresso na obra, e faz o eu lírico questionar se o que o sujeito sente é uma falta ou um sonho que o faz amar.

Contudo, o que é retratado por Drummond ao final é justamente o questionamento se é o amor de Sócrates ou o de Platão. Para esclarecer isso basta interpretarmos a palavra sonho como um ideal, seria a falta desejante ligada ao amor-desejo de Sócrates ou o sentir idealizado ligado ao amor-desejo do próprio Platão.

O estudo realizado permite nos aproximarmos de definições extraídas do documento em questão *O Banquete*, como modos de pensar e/ou significar o amor, presentes no mundo antigo e aristocrático grego. São viabilizados esses modelos antigos de pensar o sentimento amor, como sendo perceptíveis nos modelos contemporâneos brasileiros. É interessante tanto a distância temporal entre as obras destacadas, quanto à possibilidade de se enxergar permanências ou influências nesses modelos ocidentais de pensar o amor.

Buscaram-se as influências e permanências nos modos de pensar o amor, representados nas obras literárias. A hipótese de que obras da literatura contemporânea brasileira falam do amor com influência de modos de pensar o amor vindo da antiguidade grega ocidental e extraídos em análise da obra *O Banquete* pode ser defendida dentro dessas limitações interpretativas de cada obra.

O presente artigo não teve o intuito ou objetivo de apresentar essa análise com teor determinista, fazer isso é negar a historicidade de mais de dois mil e trezentos anos, seria como afirmar que não houve mudanças na forma de pensar o amor durante todos esses anos. Com isso em mente, seria preciso mais do que ressaltar semelhanças ou permanências, seria preciso

buscar as diferenças e mudanças, as especificidades de cada período histórico, a concretude das relações amorosas nesses períodos, entre outros. Entretanto, levando esses fatores em consideração, o que me parece ao final desse trabalho é a capacidade de nossa sociedade viver modelando e modelada ao meu, ao seu, ao nosso velho amor contemporâneo.

LITERATURE AND PHILOSOPHY: REVELATIONS OF A CONTEMPORARY OLD LOVE

ABSTRACT

The feeling of “love”, which is common to human activity, has raised many conceptions about itself over time. Besides philosophers, many scholars, artists, and people acting in different areas risked themselves in registering the definitions of this feeling. With this thought, it is proposed an analysis of the last three speeches present in the literary and philosophical work “The Banquet”, of Plato, written approximately in 380 B.C. According to the interpretation of these last three speeches, it is established a comparison with Brazilian literary works from the decades of 1930 to 1980, aiming to search for influences on the thinking about love present on the document. This paper establishes a field of historical research, through literary texts, allowing a better understanding of the representations constructed about love in a particular space and time. Although the analyzed document had been written, originally, in ancient times, the hypothesis that its influences are noticeable in the Brazilian Contemporary Literature and its own version to Portuguese and in other modern languages highlights its importance.

Keyword: Love. Literature. Philosophy.

REFERÊNCIAS

Platão. O BANQUETE; tradução: Maria aparecida de Oliveira Silva. – São Paulo: Martins clarete, 2015. – (coleção a obra prima de cada autor; 324).

ALCÂNTARA, T. Riobaldo e Diadorim sob o viés do mito do andrógino. **bdm.unb.br**, 2012. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/5461/1/2012_TamiresFelipeAlcantara.pdf. Acesso em: 24 nov. 2016.

ANDRADE, C. D. A falta que ama. In: _____. **A falta que ama**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.19-20.

_____. Amor. In: ANDRADE, C.D. **Amar se aprende amando**. Rio de Janeiro: Record, 1985. Disponível em: http://www.avozdapoesia.com.br/obras_ler.php?obra_id=2261&poeta_id=234. Acesso em: 24 nov. 2016.

DONHA, D. A presença do mito de Narciso na literatura brasileira e seus reflexos na sociedade contemporânea. **Gestãoescolar.gov**, 2007. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/md_donizeti_aparecido_donha.pdf. Acesso em: 24 nov. 2016.

GRECCO, G.L. História e Literatura: Entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. **Revista brasileira de História e ciências sociais**, 2014. Disponível em: <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/201/195>. Acesso em: 24 nov. 2016.

GULLAR, F. Narciso e narciso. In: GULLAR, F. **Barulhos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. Disponível em: <http://blocosonline.com.br/literatura/poesia/pmitolog/pmito036.htm>. Acesso em: 24 nov. 2016

LE GOFF, J. A crítica dos documentos: em direção aos documentos/monumentos. In: LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 542-549. Disponível em: <http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2016

MORAES, V. Ausência. In: MORAES, V. Forma e exegese. Rio de Janeiro: Pongetti, 1935. Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/ausencia>. Acesso em: 24 nov. 2016.

_____. Dialética. In: MORAES, V. Para viver um grande amor. Montevideu: Editora do autor, 1962. Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/dialetica>. Acesso em: 24 nov. 2016.

PESSANHA, J. A. M. Platão: As várias faces do amor. In: NOVAES, Adauto (coord.). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

PESSOA, F. Ninguém a outro ama, senão que ama. In: PESSOA, F. Odes de Ricardo Reis. Lisboa: Ática, 1946. Disponível em: http://www.avozdapoesia.com.br/obras_ler.php?obra_id=15157. Acesso em: 24 nov. 2016.

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <http://stoa.usp.br/carloshgn/files/-1/20292/GrandeSertoVeredasGuimaresRosa.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2016.